

X V

A REVOLUÇÃO FRANCESA

Em 1792, D. João elevava-se á direção de todos os negocios do trono portuguez, em virtude da perturbação mental de sua mãe, D. Maria I. Epoca de profundas transições em todos os sectores politicos do Ocidente, a regencia caracterizava-se por inumeros desastres, no capitulo da administração.

Em 1789, estalara a revolução francesa, modificando a estrutura de todos os governos da Europa. Depois da reunião dos Estados Gerais, em Versailles, no dia 5 de maio de 1789, transformava-se a reunião em assembleia constituinte e, a 14 de julho do mesmo ano, o povo oprimido e dilacerado pelas flagelações e pelos impostos derrubava a Bastilha, esfacelando o simbolo do despotismo da realeza. Luiz XVI é guilhotinado a 21 de janeiro de 1793. Instala-se a republica francesa sobre o pedestal de sangue que corre abundantemente nas praças

de Paris. A guilhotina decepa todos os cerebros da nobreza. Após a declaração dos direitos do homem e do cidadão, as coletividades de França se haviam entregado áqueles anos de embriaguez no morticínio. Esses movimentos invadem todos os departamentos das atividades políticas da Europa. Todos os tronos unem-se, então, para o extermínio da republica nascente. Mas os revolucionarios não esmorecem na sua encarniçada resistencia. Todas as pessoas suspeitas são decapitadas. O periodo de Terror é a grande ameaça ao mundo inteiro. Esse periodo, porém, termina com a morte de Maximiliano Robespierre, no cadafalso para o qual os seus excessos de autoridade haviam mandado inumeras vítimas. Instala-se então, em 1794, o Directorio que Napoleão Bonaparte faz derrubar, em 1799, arvorando-se em primeiro consul. As casas imperiais européias observam semelhantes acontecimentos, aguardando o ensejo necessario para restaurar o trono que a familia dos Bourbons havia perdido. A França, todavia, após os desperdícios de fôrça na luta fratricida, caíra nas mãos do ditador inteligente e implacavel, que a conduziria ao caminho de todas as aventuras. De simples oficial de artilharia, Bonaparte chegara, através dos golpes de Estado, ao cargo supremo do país, fazendo-se proclamar imperador, em 1804. Com a sua direção audaciosa, todas as conquistas milita-

res são empreendidas. A Europa inteira apresta-se para a campanha, ao tinido sinistro das armas. Com a estratégia dos generais franceses, caem todas as praças de guerra e o imperador vai catalogando o número ascendente das suas vitórias.

A esse tempo, todos os genios espirituais do Ocidente se reúnem nas esferas proximas do planeta, implorando a proteção divina para os seus irmãos da humanidade.

Emissarios de Jesus descem com a sua palavra magnanima, esclarecendo os trabalhadores do Bem, levantando as suas energias para os bons combates.

— “Irmãos, — elucidam eles, — ordena o Senhor que espalhemos a sua luz e o seu amor infinito sobre todos os corações que sofrem na Terra... As forças das sombras intensificam a miséria e o sofrimento em todos os recantos do planeta. As ondas revolucionarias enchem de sangue todas as estradas do globo terrestre e as trombetas da guerra fazem-se ouvir, entoando as notas terríveis da destruição e da morte... Levantemos o espirito geral das coletividades oprimidas, renovando a concepção de liberdade na face do mundo...”

— “Anjo amigo, — interpelou um dos operarios da luz naquela augusta assembléia —, estariam enquadrados na lei divina os tragicos acontecimentos que se desenrolam na Terra? eados...”

Os tribunais são instalados para julgamentos sumarios, que terminam sempre com as sentenças de morte... As preces das viúvas e dos orfãos elevam-se até nós, dentro dos mais dolorosos apelos e enquanto procuramos amparar esses irmãos com os nossos braços fraternos, o banquete da guerra, presidido pelos ditadores prossegue sempre, como se obedecesse á uma fatalidade amarga dos destinos do mundo..."

— "Irmãos, — explica o mensageiro —, o plano divino é o da evolução e dentro dele todas as expressões de progresso das criaturas se verificariam sem o concurso desses movimentos lamentáveis, que atestam a pobreza moral da consciencia do mundo. A revolução e a guerra não obedecem ao sagrado determinismo das leis de Deus, constituindo o atrito tenebroso das correntes do mal, que conduzem o barco da vida humana ao mar encapelado das dores expiatorias. Os pensadores terrestres poderão objetar que das ações revolucionarias nascem novas modalidades evolutivas no planeta e que numerosos beneficios são oriundos das suas atividades destruidoras; mas nós não compreendemos outras transformações que não sejam aquelas verificadas no íntimo dos homens, no augusto silencio do seu mundo interior, conduzindo-os aos mais altos planos de conhecimento superior. Se, após os movimentos revolucio-

narios, são fixadas no orbe novas expressões de progresso geral, é que o bem é o unico determinismo divino dentro do universo, determinismo que absorve todas as ações humanas para as assinalar com o sinete da fraternidade, da experiencia e do amor. Os espiritos das trevas se reúnem para a chacina e para a destruição, como acontece atualmente na Terra. Aliando-se ás tendencias e ás fraquezas das criaturas humanas, levam a mentalidade geral a todos os desvarios. Eles julgam estabelecer o imperio das sombras no plano moral do globo terrestre, mas a verdade é que todos os triunfos pertencem a Jesus, e as correntes da luz e do bem absorvem todas as atividades, anulando os resultados por ventura verificados com a expansão limitada das traves... E' em razão disso que, mesmo depois dessas ações destruidoras, crescerão de novo outros nucleos prestigiosos de civilização... Até que a fraternidade deixe de ser uma figura mitológica no coração das criaturas humanas, e até que estejam extintas as vaidades patrioticas, para que prevaleçam um só rebanho e um só pastor, que é Jesus Cristo, os seres das sombras terão o poder de arrastar o homem da terra ás lutas fratricidas... Mas ai daqueles que fomentaram semelhantes delitos... Para as suas almas, a noite dos seculos é mais sombria e mais dolorosa. Infelizes de quantos tentarem fechar a porta ao progres-

so dos seus irmãos, porque acima da justiça subornavel dos homens, ha um tribunal onde impera a equidade inviolavel. A Témis Divina conhece todos os traidores da humanidade que passam pelo mundo, glorificados pela historia; a sua condenação marca-lhes a fronte e aos seus ouvidos ecoam, incessantemente, as palavras dolorosas — “Caím, Caím, que fizeste dos teus irmãos, maldito?”... Sómente as lagrimas, no círculo doloroso das reencarnações tenebrosas, representam um caminho para a sua reabilitação, nas estradas eternas do tempo !...”

Dissolvida a assembléia do infinito, os amigos dos infortunados espalharam-se pelas sendas terrestres, reerguendo os seus irmãos nas lutas redentoras.

Napoleão prosseguia, deixando em toda a parte um rastro de lagrimas e de sangue. Suas incursões em todos os países, deixavam-lhe o espolio miseravel das posições e das corôas, que o ditador ia distribuindo entre os seus familiares e amigos.

O seculo XIX começava a viver embalado pelo barulho das armas, em todas as direcções.

Portugal alia-se á Inglaterra, resistindo ás ordens supremas do conquistador. Bonaparte assina um tratado com a Espanha, que já se havia dobrado ás suas determinações, e ordena a invasão immediata de Portugal.

A Inglaterra, com a sua prudencia, sugere á casa de Bragança a retirada para o Brasil. D. João VI hesita, antes de adotar semelhante resolução. O grande principe, tão generoso e tão infeliz é encontrado, nas vespervas da partida, a chorar convulsivamente em um dos aposentos privados do palacio, mas aquella decisão era necessaria e inadiavel. A frota real velejou do Tejo em 29 de novembro de 1807, a caminho da colonia e mal não havia desaparecido nas aguas pesadas do Atlantico, já os soldados de Junot apoderavam-se de Lisbôa e de suas fortalezas, com a ordem de riscar Portugal da carta geografica européia.

Contudo, os genios espirituais velavam pelos vencidos e pelos humilhados.

D. João VI chegava ao Brasil em janeiro de 1808, depois de uma viagem cheia de accidentes e contrariedades.

O bondoso principe encontraria, na terra do Evangelho, a hospitalidade que os reis de Castela não encontraram nas suas colonias da America do Sul, quando acossados pelas mãos de ferro do ditador. A casa de Bragança ia dilatar até aqui os limites do seu reino, reconhecida e feliz por encontrar no Brasil a compreensão e a bondade, o acolhimento e o amor.